

Nações

Os escravos brasileiros pertenciam a diversos grupos étnicos, incluindo os Yoruba, os Ewes, os Fons, e os Bantus. Como a religião se tornou semi-independente em regiões diferentes do país, entre grupos étnicos diferentes, evoluíram diversas “divisões” ou nações, que se distinguem entre si principalmente pelo conjunto de divindades veneradas, o atabaque (música) e a língua sagrada usada nos rituais. A lista seguinte é uma classificação pouco rigorosa das principais nações e sub-nações, de suas regiões de origem, e de suas línguas sagradas:

Nagô ou Yorubá

Ketu ou Queto (Bahia) e quase todos os estados - Língua Yoruba (Yorubá ou Nagô em Português)

Efan na Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo

Ijexá principalmente na Bahia

Nagô Egbá ou Xangô do Nordeste no Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo

Mina-nagô ou Tambor de Mina no Maranhão

Xambá em Alagoas e Pernambuco (quase extinto).

Bantu, Angola e Congo (Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul), mistura de Bantu, Quicongo e Quimbundo línguas.

Candomblé de Caboclo (entidades nativas índios)

Jeje - A palavra Jeje vem do yorubá adjeje que significa estrangeiro, forasteiro. Nunca existiu nenhuma nação Jeje na África. O que é chamado de nação Jeje é o candomblé formado pelos povos fons vindo da região de Dahomé e pelos povos mahins. Jeje era o nome dado de forma pejorativa pelos yorubás para as pessoas que habitavam o leste, porque os mahins eram uma tribo do lado leste e Saluvá ou Savalu eram povos do lado sul. O termo Saluvá ou Savalu, na verdade, vem de “Savê” que era o lugar onde se cultuava Nanã. Nanã, uma das origens das quais seria Bariba, uma antiga dinastia originária de um filho de Oduduá, que é o fundador de Savê (tendo neste caso a ver com os povos fons). O Abomei ficava no oeste, enquanto Ashantis era a tribo do norte. Todas essas tribos eram de povos Jeje, (Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo) – língua Ewe e língua Fon (Jeje)

Jeje Mina língua Mina São Luiz do Maranhão

As Variações Das Três Nações **Jeje, Ketu e Angola**

Dos muitos grupos de escravos vindo para o Brasil, 03 (três) categorias ou nações se destacaram:

- Negros Fons ou Nação Jeje
- Negros Yorubás ou Nação Ketu
- Negros Bantos ou Nação Angola

Cada uma dessas 03 (três) nações tem dialeto e ritualística própria. Mas, houve uma grande coligação entre os deuses adorados nessas 03 (três) nações, por exemplo:

Deus

Ketu	Jeje	Bantu
------	------	-------

Olorun

Mawu

Nzambi

Orixás

Ketu	Jeje	Bantu
------	------	-------

Orixás

Vodun

Nkisi

- Na Nação Jeje os deuses são chamados de Voduns
- Na Nação Ketu, de Orixás
- Na Nação de Angola, de Inkices

Abaixo, encontram-se relacionados os deuses, as suas ligações e correspondência em cada uma dessas 03 (três) nações

KETU	JEJE	ANGOLA
Exu	Elegbá	Bombogiro
Ogum	Gu	Nkosi-Mucumbe
Oxossi	Otolú	Mutaka Lambo
Omolu	Azanssun	Cavungo
Xangô	Sogbô	Nizazi ou Luango
Ossain	Ague	Katende
Oya / Yansã	Guelede-Agan ou Vodun-Jó	Matamba/Kaingo
Oxum	Aziri-Tolá	Dandalunda
Yemanjá	Aziri-Tobossi	Samba Kalunga/Kukuetu
Oxumarê	Becém	Angoro – Ongolo
Oxalá	Lissá	Lemba

A Nação Jeje

Origem da palavra JEJE

A palavra JEJE vem do yorubá adjeje que significa estrangeiro, forasteiro. Portanto, não existe e nunca existiu nenhuma nação Jeje, em termos políticos. O que é chamado de nação Jeje é o candomblé formado pelos povos fons vindo da região de Dahomé e pelos povos Mahins. Jeje era o nome dado de forma pejorativa pelos yorubás para as pessoas que habitavam o leste, porque os Mahins eram uma tribo do lado leste e Saluvá ou Savalu eram povos do lado sul. O termo Saluvá ou Savalu, na verdade, vem de “Savê” que era o lugar onde se cultuava Nanã. Nanã, uma das origens das quais seria Bariba,

uma antiga dinastia originária de um filho de Odudua, que é o fundador de Savê (tendo neste caso a ver com os povos fons). O Abomei ficava no oeste, enquanto Axantis era a tribo do norte. Todas essas tribos eram de povos Jeje.

Origem da palavra DAHOMÉ

A palavra DAHOMÉ, tem dois significados: Um está relacionado com um certo Rei Ramilé que se transformava em serpente e morreu na terra de Dan. Daí ficou “Dan Imé” ou “Dahomé”, ou seja, aquele que morreu na Terra da Serpente. Segundo as pesquisas, o trono desse rei era sustentado por serpentes de cobre cujas cabeças formavam os pés que iam até a terra. Esse seria um dos significados encontrados: Dan = “serpente sagrada” e Homé = “a terra de Dan”, ou seja, Dahomé = “a terra da serpente sagrada”. Acredita-se ainda que o culto à Dan é oriundo do antigo Egito. Ali começou o verdadeiro culto à serpente, onde os Faraós usavam seus anéis e coroas com figuras de cobra. Encontramos também Cleópatra com a figura da cobra confeccionada em platina, prata, ouro e muitos outros adornos femininos. Então, posso dizer que este culto veio descendo do Egito até Dahomé.

Dialetos falados

Os povos Jejes se enumeravam em muitas tribos e idiomas, como: Axantis, Gans, Agonis, Popós, Crus, etc. Portanto, teríamos dezenas de idiomas para uma tribo só, ou seja, todas eram Jeje, o que foge evidentemente às leis da lingüística – muitas tribos falando diversos idiomas, dialetos e cultuando os mesmos Voduns. As diferenças vinham, por exemplo, dos Minas – Gans ou Agonis, Popós que falavam a língua das Tobosses, que a meu ver, existe uma grande confusão com essa língua.

Os Primeiros no Brasil

Os primeiros negros Jeje chegados ao Brasil entraram por São Luís do Maranhão e de São Luís desceram para Salvador, Bahia e de lá para Cachoeira de São Félix. Também ali, há uma grande concentração de povos Jeje. Além de São Luís (Maranhão), Salvador e Cachoeira de São Félix (Bahia), o Amazonas e bem mais tarde o Rio de Janeiro, foram lugares aonde encontram-se evidências desta cultura.

Classificação dos Voduns

Muitos Voduns Jeje são originários de Ajudá. Porém, o culto desses voduns só cresceram no antigo Dahomé. Muitos desses Voduns não se fundiram com os orixás nagos e desapareceram totalmente. O culto da serpente Dãng-bi é um exemplo, pois ele nasceu em Ajudá, foi para o Dahomé, atravessou o Atlântico e foi até as Antilhas.

Quanto a classificação dos Voduns Jeje, por exemplo, no Jeje Mahin tem-se a classificação do povo da terra, ou os voduns Caviunos, que seriam os voduns Azanssu, Nanã e Becém. Temos, também, o vodun chamado Ayzain que vem da nata da terra. Este é um vodun que nasce em cima da terra. É o vodun protetor da Azan, onde Azan quer dizer “esteira”, em Jeje. Achamos em outro dialeto Jeje, o dialeto Gans-Crus, também o termo Zenin ou Azeni ou Zani e ainda o Zoklé. Ainda sobre os voduns da terra encontramos Loko. Ele apesar de estar ligado também aos astros e a família de Heviosso, também está na família Caviuno, porque Loko é árvore sagrada; é a gameleira branca, que é uma árvore muito importante na nação Jeje. Seus filhos são chamados de Lokoses. Ague, Azaká é também um vodun Caviuno. A família Heviosso é encabeçada por Badë, Acorumbé, também filho de Sogbô, chamado de Runhó. Mawu-Lissá seria o orixá Oxalá dos yorubás. Sogbô também tem particularidade com o Orixá em Yorubá, Xangô, e ainda com o filho mais velho do Deus do trovão que seria Averequete, que é filho de Ague e irmão de Anaite. Anaite seria uma outra família que viria da família de Aziri, pois são as Aziris ou Tobosses que viriam a ser as Yabás dos Yorubás, achamos assim Aziritobosse. Estou falando do Jeje de um modo geral, não

especificamente do Mahin, mas das famílias que englobam o Mahin e também outras famílias Jeje.

Como foi relatado, Jeje era um apelido dado pelos yorubás. Na verdade, esta família, ou seja, nós que pertencemos a esta nação deveríamos ser classificados de povo Ewe, que seria o mais certo. Ewe-Fon seria a nossa verdadeira denominação. Nós seríamos povos Ewe ou povos Fons. Então, se fôssemos pensar em alguma possibilidade de mudança, nós iríamos nos chamar, ao invés de nação Jeje, de nação Ewe-Fon. Somente assim estaríamos fazendo jus ao que é encontrado em solo africano. Jeje é então um apelido, mas assim ficamos para todas as nossas gerações classificados como povo Jeje, em respeito aos nossos antepassados.

Continuando com algumas nomenclaturas da palavra Ewe-Fon, por exemplo, a casa de candomblé da nação Jeje chama-se Kwe = “casa”. A casa matricial em Cachoeira de São Félix chama-se Kwe Ceja Undé. Toda casa Jeje tem que ser situada afastada das ruas, dentro de florestas, onde exista espaço com árvores sagradas e rios. Depende das matas, das cachoeiras e depende de animais, porque o Jeje também tem a ver com os animais. Existem até cultos com os animais tais como, o leopardo, crocodilo, pantera, gavião e elefante que são identificados com os voduns. Então, este espaço sagrado, este grande sítio, esta grande fazenda onde fica o Kwe chama-se Runpame, que quer dizer “fazenda” na língua Ewe-Fon. Sendo assim, a casa chama-se Kwe e o local onde fica situado o candomblé, Runpame. No Maranhão predomina o culto às divindades como Azoanador e Tobosses e vários Voduns onde a “sacerdotisa” é chamada Noche e o cargo masculino, Toivoduno.

A Nação Ketu

A Importância dos Mitos do Candomblé

O culto dos orixás remonta de muitos séculos, talvez sendo um dos mais antigos cultos religiosos de toda história da humanidade.

O objetivo principal deste culto é o equilíbrio entre o ser humano e a divindade aí chamada de orixá.

A religião de orixá tem por base ensinamentos que são passados de geração a geração de forma oral.

Basicamente este culto está assim organizado:

1º Olorum – Senhor Supremo ou Deus Todo Poderoso

2º Olodumare – Senhor do Destino

3º Orunmilá – Divindade da Sabedoria (Senhor do Oráculo de Ifá)

4º Orixá – Divindade de Comunicação entre Olodumare e os homens, também chamado de elegun, onde a palavra elegun quer dizer “Aquele que pode ser possuído pelo Orixá”

5º Egungun – Espíritos dos Ancestrais

Os mitos são muito importantes no culto dos orixás, pois é através deles que encontramos explicações plausíveis para determinados ritos.

Sem estas estórias, lendas ou itans seria difícil ter respostas a sérios enigmas, como o envolvimento entre a vida do ser humano e do próprio orixá.

O Mito da Criação (Segundo a Tradição Yorubá)

Olodumare enviou Oxalá para que criasse o mundo. A ele foi confiado um saco de areia, uma galinha com 5 (cinco) dedos e um camaleão. A areia deveria ser jogada no oceano e a galinha posta em cima para que ciscasse e fizesse aparecer a terra. Por último, colocaria o camaleão para saber se a terra estava firme.

Oxalá foi avisado para fazer uma oferenda à Exu antes de sair para cumprir sua missão. Por ser um orixá funfun, Oxalá se achava acima de todos e, sendo assim, negligenciou a oferenda à Exu. Descontente, Exu resolveu vingar-se de Oxalá, fazendo-o sentir muita sede. Não tendo outra alternativa, Oxalá furou com seu opasoro o tronco de uma palmeira. Dela escorreu um líquido refrescante que era o vinho de Palma. Com o vinho, ele saciou sua sede, embriagou-se e acabou dormindo.

Olodumare, vendo que Oxalá não havia cumprido a sua tarefa, enviou Odudua para verificar o ocorrido. Ao retornar e avisar que Oxalá estava embriagado, Odudua cumpriu sua tarefa e os outros orixás vieram se reunir a ele, descendo dos céus, graças a uma corrente que ainda se podia ver no Bosque de Olose.

Apesar do erro cometido, uma nova chance foi dada à Oxalá: a honra de criar os homens. Entretanto, incorrigível, embriagou-se novamente e começou a fabricar anões, corcundas, albinos e toda espécie de monstros.

Odudua interveio novamente. Acabou com os monstros gerados por Oxalá e criou homens sadios e vigorosos, que foram insuflados com a vida por Olodumare.

Esta situação provocou uma guerra entre Odudua e Oxalá. O último, Oxalá, foi então derrotado e Odudua tornou-se o primeiro Oba Oni Ifé ou “O primeiro Rei de Ifé”.

Os Orixás e Suas Origens

Quando falamos de orixá, falamos de uma força pura, geradora de uma série de fatores predominantes na vida de uma pessoa e também na natureza.

Mas, como surgiram os orixás? Quais as suas origens?

Quando Olorum, Senhor do Infinito, criou o Universo com o seu ófu-rufú, mimó, ou hálito sagrado, criou junto seres imateriais que povoaram o Universo. Esses seres seriam os orixás que foram dotados de grandes poderes sobre os elementos da natureza. Em verdade, os orixás são emanações vindas de Olorum, com domínio sobre os 4 (quatro) elementos: fogo, água, terra e ar e ainda dominando os reinos vegetal e animal, com representações dos aspectos masculino e feminino, ou seja, para todos os fenômenos e acidentes naturais, existe um orixá regente. Através do processo de constituição física e diante das leis de afinidades, cada ser humano possui 01 (um) ou mais orixá, como protetores de sua vida, a eles sendo destinados formas diversas de culto.

Um outro aspecto a ser analisado sobre a tradição de orixá e sua origem seria a de que alguns orixás seriam, em princípio, ancestrais divinizados que em vida estabeleceram vínculos que lhes garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces, ou salgadas, ou então, assegurando-lhes a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais, ou ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização.

O poder axé do ancestral-orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada.

A passagem da vida terrestre à condição de orixá aconteceu em momento de paixão como nos mostram as lendas dos orixás.

Xangô, por exemplo, tornou-se orixá em um momento de contrariedade por se sentir abandonado, quando deixou Oyó para retornar à região de Tapá. Somente Oya, sua primeira mulher, o acompanha na fuga e, por sua vez, ela entrou debaixo da terra depois do desaparecimento de Xangô. Suas duas outras mulheres Oxum e Obá tornaram-se rios que tem seus nomes, quando fugiram aterrorizadas pela fumegante cólera do marido.

Como foi relatado, esses antepassados não morreram de forma natural; e sim, sofreram uma transformação nos momentos de crise emocional provocada pela cólera ou outros sentimentos.

A origem é a própria terra. E segundo a tradição yorubá, alguns orixás foram seres humanos possuidores de um axé muito forte e de poderes excepcionais.

Saudações

As saudações são muito importantes, pois é através delas que nós invocamos os orixás. Assim, vamos traduzir para vocês “As saudações dos Orixás e seus significados”:

Exu	Kóbà Láryè	Aquele que é muito falante.
Ogum	Pàtakorí	Exterminador ou cortador de ori ou cabeça.
Oxossi	Ará Unse Kòke Ode	Guardador do corpo e caçador.
Xangô	Kawó-Kábièsilé	Venham ver o Rei descer sobre a terra!
Oxum	Orà Yè Yé Ofyderímàn	Salve mãezinha doce, muito doce!
Yansã ou Oyá	Èpàrèi	Venha, meu servo!
Omolu e Obaluayê	Atótóo	Silêncio!
Yemanjá	Èru Ìyá	Senhora do cavalo marinho.
Oxumarê	Arrum Bobo(termo Jeje)	Senhor de águas supremas.
Nanã	Sálùbá	Pantaneira (em alusão aos pântanos de Nanã).
Oxalá	Esè Epa Bàbá	Você faz, obrigado Pai!

Oxum – Dona das águas dos rios e cachoeiras

Dona das águas. Na África, mora no rio Oxum. Senhora da fertilidade, da gestação e do parto, cuida dos recém-nascidos, lavando-os com suas águas e folhas refrescantes. Jovem e bela mãe, mantém suas características de adolescente. Cheia de paixão, busca ardorosamente o prazer. Coquete e vaidosa, é a mais bela das divindades e a própria malícia da mulher-menina.

É sensual, exibicionista, consciente de sua rara beleza. Se utiliza desses atributos com jeito e carinho para seduzir as pessoas e conseguir seus objetivos.

Osun é chamada de Yalodê, título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade, além disso, ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre as águas doces, sem a qual a vida na terra seria impossível. Dança de preferência sob o ritmo de sua terra: Igexá. Sua dança lembra o comportamento de uma mulher vaidosa e sedutora.

Dona das águas. Na África, mora no rio Oxum. Senhora da fertilidade, da gestação e do parto, cuida dos recém-nascidos, lavando-os com suas águas e folhas refrescantes. Jovem e bela mãe, mantém suas características de adolescente. Cheia de paixão, busca ardorosamente o prazer. Coquete e vaidosa, é a mais bela das divindades e a própria malícia da mulher-menina. É sensual, exibicionista, consciente de sua rara beleza. Se utiliza desses atributos com jeito e carinho para seduzir as pessoas e conseguir seus objetivos.

Osun é chamada de Yalodê, título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade, além disso, ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre as águas doces, sem a qual a vida na terra seria impossível. Dança de preferência sob o ritmo de sua terra: Igexá. Sua dança lembra o comportamento de uma mulher vaidosa e sedutora.

Sincretismo N.S. da Conceição

Características: Bonita, elegante, doce, feiticeira, chantagista, falsa, possessiva. Mãe da riqueza, da magia e do amor. Confere proteção no parto e ao bebê.

Cor: amarelo-ouro.

Locais: rios ou nascentes.

Saudação: Ai iê ieu Mamãe Oxum

Simbolismo: Leque (Abebé) com Estrela, Espelho; um coração do qual nasce um rio.

Dia da semana: sábado.

Qualidades de Oxum

Abalu

(a mais velha de todas)

ABALÔ

(carrega ogum é uma iansã)

Jumu ou Ijimu

(a mãe de todas, estreita ligação com as Ìyámi)

Aboto ou Oxogbo

(feminina e coquete, ajuda as mulheres terem filhos)

Apara

(a mais jovem e guerreira)

Ajagura

(guerreira)

Yeye Oga

(velha e enquizilada)

Yeye Petu Yeye Kare

(guerreira)

Yeye Oke

(guerreira)

Yeye Onira

(guerreira)

Yeye Oloko

(vive nas florestas)

Yeye ponda

(esposa de Oxóssi Ibulama, guerreira e porta um leque)

Yeye Merin ou Iberin
(feminina e coquete)

Yeye Àyálá ou Ìyánlá
(a avó, que foi mulher de Ogum)

Yeye Lokun ou Pòpòlókun
(que não desce sobre a cabeça de suas filhas)

Yeye Odo
(dos perdões)

<!--[if gte mso 9]> Normal 0 false false MicrosoftInternetExplorer4 <![endif]--><!--[if gte mso 9]> <![endif]-->

A MULHER DE OXUM

Para conquistá-la é preciso estar atento aos sinais que ela emite.

A primeira coisa que a mulher de Oxum faz, quando está a fim de conquistar alguém, é passar as mãos nos cabelos. Só isso!!! (Acreditem). Não espere jamais que ela demonstre seu interesse diretamente.

Vai sempre chegar na pessoa desejada por intermédio de outra. Tudo isso acontece porque a filha de Oxum gosta de proteger-se das pessoas em qualquer lugar que esteja. É aquele tipo de mulher que não anda sozinha e está sempre acompanhada de uma amiguinha.

Apesar disso, tem uma aparência chamativa: destaca-se pelos penteados, pela pele macia e bem tratada, pelo corpo harmonioso.

Seu ponto fraco é a vaidade. Basta, então, para conquistá-la, elogiar sua beleza.

AFINIDADES: A mulher de Oxum combina bem com os filhos de Ibeji, Oxalá, Exu, Xangô, Oxumaré, Oiá e Oxóssi.

O HOMEM DE OXUM

Bonito, charmoso, de ar malicioso, arranca suspiros de todas.

Aliás, isso é o que esse homem mais gosta de fazer. Só que é preciso entender como ele joga o jogo da conquista.

Em primeiro lugar, não demonstra seu interesse e não se compromete demais. Arma todo o esquema para que a mulher tome a iniciativa de chegar a ele. Sexualmente impetuoso, usa toda a sua inteligência e o seu requinte para dar um toque especial aos contatos amorosos. Fará, portanto, com que a mulher se sinta uma rainha.

O problema é que gosta de fazer isso com todas as mulheres.

Mas há como segurar o filho de Oxum.

Trabalhe a sua vaidade, elogie-o muito, mas trate de fazê-lo notar que há outras pessoas interessadas na mulher que está ao lado dele.

AFINIDADES : O homem de Oxum combina com mulheres de Exu, Oxumaré, Ibeji, Oiá, Oxalá, Ogum e Oxóssi.